

grupos: amigos de Portugal, os elementos avançados; e inimigos seus, os reaccionários de todas as facções. Darão estas duas forças a batalha definitiva?  
Madrid, 23 de julho de 1915

R. MERINO GRACIA

## PALAVRAS DE OIRO

Duma carta de Victor Hugo aos membros do Congresso da Paz, realizado em Lausana em Setembro de 1869:

Concidadãos dos Estados Unidos da Europa,

Desde esta data significais a quem de direito que a guerra é má, que o assassinato mesmo glorioso, fanfarrão e régio, é infame, que o sangue humano é precioso, que a vida é sagrada...

A civilização tende inevitavelmente para a unidade de idioma, para a unidade de metro, para a unidade de moeda e para a fusão das nações na humanidade, que é a unidade suprema. A concórdia tem um sinónimo: simplificação; assim como a riqueza e a vida tem um sinónimo: circulação. A primeira das servidões é a fronteira.

Quem diz fronteira, diz ligadura. Cortai a ligadura, apagai a fronteira, tirai o guarda aduaneiro; tirai o soldado, em outros termos, sede livres, e a paz segue-se.

Quem tem interesse nas fronteiras? Os reis. Dividir para reinar. Uma fronteira implica uma guarita, uma guarita implica um soldado. Não se passa, expressão de todos os privilégios, de todas as proibições, de todas as censuras, de todas as tiranias. Desta fronteira, desta guarita, deste soldado sai toda a calamidade humana.

Sendo a excepção, o rei para se defender precisa do soldado, que por sua vez precisa do assassinato para viver. Aos reis são necessários exércitos, aos exércitos é necessária a guerra. Senão, esvai-se a sua razão de ser. Coisa estranha: o homem consente em matar o homem sem saber porquê. A arte dos déspotas é desdobrar o povo em exército. Uma metade oprime a outra.

As guerras tem todas as espécies de pretextos, mas nunca mais do que uma causa: o exército. Tirai o exército e tirareis a guerra. Mas como suprimir o exército?

Pela supressão dos depotismos.

Os reis só se entendem num ponto: eternizarem a guerra. Cuida a gente que eles questionam: nada disso—ajudam-se uns aos outros. O soldado, repito, precisa de ter a sua razão de ser.

Portanto, vamos ao fim que chamei algures a *ressorção do soldado pelo cidadão*. No dia em que se dê essa recuperação, no dia em que o povo já não tenha fora de si o homem de guerra, esse pior inimigo, o povo ver-se há uno, inteiro, amante, e a civilização chamar-se há harmonia, e terá em si, para criar dum lado riqueza e do outro a luz, essa força—o trabalho, e essa alma—a paz.

(Onde há reis, deve lê-se: todos os reis, todos os senhores de Estado e do Ca. It. l. Nota da Red.)

No próximo número

## O imperialismo moderno

Por DIONIZIO NOR

Os novos apóstolos da força brutal, os mulherengos enluvados e perfumados que se ficam a fazer figura de mata-sete no meio das belas madamas e mandam os proletários para o mata-doiro para glória da monarquia e proveito dos banqueiros, tratam-nos de pacifistas.

Com efeito Nós somos pela paz, mas só com a condição de existir a justiça.

Enquanto houver um só privilegiado a apoiar o privilégio na força brutal, estejam certos os homens de guerra de que não faremos a paz.—E. MALATESTA

GRALHA

No n.º passado, no artigo «Boas e más notícias», é *fracamente*, e não, «francamente», o que se deve ler na frase; «francamente» ajudado por Péricli.

## “DEPOIS—QUE SERÁ?”

Depois da guerra, a paz. Para quem? Para os trabalhadores? Antes da guerra não havia paz, nem a haverá depois para os que são empregados por outros. A vida do salariado é uma luta contínua contra circunstâncias adversas que ele não domina. Nasceu para trabalhar, para viver para o trabalho, não para trabalhar pela vida. A sua luta pela existência ou termina na sepultura ou numa mesquinha pensão por velhice.

Ele combate pela vida. Mas notai a diferença entre o tratamento que lhe é medido e o que é dispensado ao soldado; a diferença entre o homem que combate para si e o que combate pelos outros. O soldado é um herói, benemérito da pátria; bem alimentado, bem vestido, bem abrigado—comparativamente; uma pensão, apenas feito o seu serviço, a qual o habilita a vender o seu trabalho mais barato do que os seus companheiros; sua mulher e sua família bem vistas quando ele combate longe; cantado pelos poetas e louvado pelos políticos um herói! Mas o trabalhador, de quem depende em tempo de paz e de guerra o bem estar do país—para esse não há pão garantido, não há pensão antes dos setenta, não há fornecimento de roupas, abrigo ou alimento, não há desvelos para sua mulher e filhos; não é de modo algum um herói, mas apenas uma rude, trivial, ébria, estúpida máquina humana, a pôr de lado quando gasta ou quando os tempos estão maus para o patrão. Que para o operário estão os tempos sempre maus. Quem não quereria ser soldado?

Após a guerra, haverá paz e fartura, como nunca houve. Todos serão felizes; os negócios prosperarão—e, para o trabalhador, que haverá? É sempre perigoso profetizar, pois ninguém sabe com certeza o que há-de suceder. Mas desta feita podemos estar seguros do que não acontecerá. Vinda a paz, o capitalista não se terá transformado de lobo em cordeiro. No seu modo de tratar os homens que o enriquecem, não haverá mudança alguma; tirará o mais possível e dará o menos que puder. Então os trabalhadores pensarão nos dias de guerra como em dias de promessas que nunca houve intenção de cumprir. Achar-se há abundantes razões para faltar a esses promettimentos de paz na terra e da boa vontade entre patrão e salariado. Essas promessas serão quebradas porque os trabalhadores não fazem uso da força de que dispõem: toda a tragédia está nissol. Os operários tem força para fazer o que querem e tomar o que desejam; mas o inimigo leva-os hábilmente a dissiparem essa força em direcções erradas e em fúteis esforços.

Outrora o patrão temia as uniões de ofício; agora emprega-as como arma subtil e poderosa. A lei permite-as, o parlamento patrocina-as, Lloyd George usa-as como sociedades beneficentes subsidiadas pelo Estado; os seus chefes são louvados e presos por agradáveis ocupações até se tornarem cegos conduzindo cegos.

Para o trabalhador não há paz, nem a haverá, enquanto durar a contínua e implacável guerra com o seu inimigo único—o capitalista. O trabalhador pode existir sem o capitalista; este não pode viver sem aquele. Quando compreenderão este facto os operários? Quando perceberão que triunfarão por força, se lutarem apenas, sem tréguas, sem se contentar com meias medidas? Eis o que é preciso que eles entendam e executem. A meio do caminho para a liberdade económica não há pousada.

Urge tombar muitos ídolos dos seus pedestais, derribar lhes os altares, destruir-lhes os padres. Este, por exemplo: que só por um lucro se trabalha. O unico fim legítimo do trabalho é prover às necessidades e ao decente conforto da vida; nada mais. Trabalhai para viver; não vivais para trabalhar. Quando isso for compreendido pelos trabalhadores—que será então? O começo de melhores tempos.

Oh! mas tudo isto tem sido dito tantas vezes e é tam claro! Sim, com efeito; mas é tam fácil esquecer-nos o que é claro! Esses factos simples, não os empolgou ainda o proletário; gerações sobre gerações tem sido educadas na falsidade. Ensinar aos obreiros a verdade não será obra dum dia; eles mal lhe prestam ouvidos. Os anarquistas tem que encarar este facto capital: temos contra nós uma trágica ignorância, estamos envolvidos em densas trevas. Temos que vencer essa ignorância e espantar essa escuridão. Eis porque o primeiro dever do anarquista é a obra prosaica de propaganda: tem que converter os pagãos. Cada um de nós pode fazer um pouco. Está a fazê-lo? Se está, depois—que será? Depois, vamos a caminho duma vitória que é certa e pode estar mais perto do que julgamos. Se não está, a vitória não chegará jamais.

Londres, julho de 1915.

W. CHIGNMOUTH SHORE.

## O papel das «Juventudes»

Alguns amigos tem-me pedido a minha opinião sobre a utilidade e função dos grupos de jovens operários. Dou-a alheio conforme o meu costume, a personalismo tanto mais que, por informações particulares e recentes notas da *Aurora*, vejo que a questão toma por vezes feição azeda e pessoal, bem pouco própria da educação libertária.

Quanto às «Juventudes sindicalistas», continuo a pensar como há um ano, quando respondia a amigos que me consultavam a tal propósito. Acho que as «Juventudes sindicalistas» devem ser destinadas a preparar militantes para os sindicatos, insuflando nos jovens o amor ao estudo, dando-lhes a consciência do seu valor social, da sua situação, dos seus direitos, dos destinos da sua classe, desenvolvendo-os como produtores cuidadosos dos aperfeiçoamentos técnicos e profissionais, educando-os para a acção sob vários pontos de vista.

Esses agrupamentos não devem, pois, recrutar os seus aderentes segundo as ideias, mas segundo a posição social e a idade; não devem admitir unicamente os rapazes de consciência revolucionária já feita, mas todos os adolescentes de boa vontade, que nisto está a sua principal utilidade e a sua justificação essencial.

São sobretudo esses jovens ainda inconscientes que é preciso afastar da taberna e do lupanar, dos meios em que habitualmente a mocidade se embrutece e alcooliza, desperdiçando doidamente as suas juvenis energias e reduzindo-se progressivamente à condição de instrumentos cegos e passivos nas mãos dos patrões e governantes. São esses que, adaptando-se a associação às necessidades imperiosas e legítimas da mocidade, é preciso atrair com os desportos sem prémios nem estupididades emulações e desafios, com a música, com o teatro social e educativo, com os passeios e excursões de recreio, confraternização e estudo. São esses sobretudo que é preciso pôr em face dos problemas de emancipação operária e social, em face dos vários aspectos, argumentos e soluções. São esses especialmente a quem é preciso inculcar a dignidade de produtor, o amor ao trabalho livre, produtivo, inteligente.

Não fica então bem evidente a enorme utilidade das Juventudes sindicalistas? A importância do seu papel, que nem os sindicatos nem os grupos de ideias poderão desempenhar?

Muitos menos justificáveis me pareciam as «Juventudes anarquistas» ou «socialistas». Tomemos as primeiras. Um grupo, para sem artificio se poder chamar anarquista, tem que ser composto, já não digo de... doutores em anarquismo, mas de indivíduos que conheçam os elementos essenciais do anarquismo—fins e métodos—e saibam justificar as suas convic-

ções. Se, portanto, as «Juventudes» são muito numerosas e recrutam pela idade, não são anarquistas; o que pode suceder é os «directores» falarem por todos e afixarem uma tabuleta que não corresponde á realidade—o que é pouco libertário. As Juventudes devem nesse caso chamar-se sindicalistas, sindicais ou operárias.

Se os jovens são anarquistas deveras, tem a sua disposição os grupos anarquistas, recrutados por ideias, não por idades, e ainda, para acumular, as Juventudes formadas pelos seus companheiros de trabalho, sem ideias definidas. Nos primeiros, darão o ardor da sua mocidade, recebendo em troca as lições da experiência; nas segundas, contribuirão com as suas ideias e iniciativas para a educação e acção da mocidade operária.

Devo, porém, confessar que os acontecimentos de há um ano para cá—já lá vai um ano de guerra!—mostraram o valor dos núcleos de jovens idealistas, com organização autónoma, impelidos de fora as organizações de «adultos», agindo sem as peias da moderação e incerteza dos fatigados, dos desiludidos, dos encarcerados no círculo das responsabilidades de família e de política. Ao menos nos grandes momentos históricos.

A Juventude socialista italiana deu um exemplo brilhante. Mais tarde, os jovens poderão amansar-se, com o cansaço e o desenganço, com o peso da responsabilidade do lar e das funções directivas e sobretudo com o parlamentarismo, fonte perene de corrupção e enervamento. Mas agora os rapazes deram boa conta de si, imprimiram ao socialismo um carácter mais enérgico e intransigente e mostraram que, ao menos no seio do socialismo democrático, a organização juvenil autónoma é precisa.

As Juventudes sindicalistas francesas, reduzidas com a guerra a mobilização e a reacção aos seus elementos propulsores, também deram boa prova.

Mas, por pior que seja o valor que esta recente experiência tenha mostrado nas organizações partidárias de adreços, a grande importância das Juventudes sindicalistas ou operárias não ficou de modo algum diminuída, nem elas deixaram de ser um excelente campo de acção para os jovens militantes do anarquismo. Uma e outras podem perfeitamente viver lado a lado sem hostilidades recíprocas, trabalhando com confiança na tarefa que consideram mais proffica e urgente.

NENO VASCO

## A greve na fabrica de botões

Continua na mesma a greve que os operários declararam na fabrica de que é gerente o *companheiro* Silva Lima, vereador socialista. E dizemos que continua na mesma, porque este *senhor*, digno émulo das castas burgueses e politicantes da lusa parvónia, fez publicar nos jornais diários uma noticia segundo a qual os operários que não se apresentassem ao trabalho num determinado dia, seriam considerados despedidos.

Este procedimento reles e infame temo-lo visto-usar várias vezes pelos industriais que exploram desalmadamente os seus operários. Longe estavamos, porém, de imaginar que um socialista militante, desempenhando demais a mais um cargo de confiança do partido, lançasse mão dele para amedrontar aqueles que no uso legítimo dum direito, fizeram o que há já muito deveriam ter feito.

E' por isso que os operários, conscientes do papel que representam, ao lerem essa noticia, deliberaram conservar-se unidos e solidários, até que justiça lhes seja feita. A sua causa é uma causa justa e humana; portanto, nada de desfalecimentos nem de tibiezas. O caminho é para a frente.

Tendo os jornais noticiado que fora agredido pelos grevistas um professor de ensino livre, comunicamos a respectiva associação que isso é redondamente falso, pois o pode provar com documentos.

## Notas de perto

XVI

Meu Caro C

A guerra, a estúpida guerra, ha quase um ano que, para gaudio dos patrioteiros de todos os lados das fronteiras, vem enchendo de sangue os fertes campos da terra, destruindo o que com tanto suor e tanta privação se tem acumulado e produzido durante gerações inteiras. Não sei de coisa mais feio e mais estúpida que tão horrorosamente revele o estado da tola civilização dos nossos dias e que tão tristemente nos mostre como as classes burguesas e financeiras tripudiam sobre a ignorância e ainda mais sobre a cobardia dos trabalhadores que os mantêm.

Que, afinal, as guerras são possíveis porque o *Não matarás* é uma lèria bíblica e os que trabalham, eternos servidores dos outros, obedecem, obedecem sempre aos caprichos alheios. Ha quase um ano que a estúpida guerra leva a miséria e o luto a toda a parte simplesmente porque se obedece, até para matar.

Mostras desta obediencia e dessa cobardia são bem reveladas nas cartas que seguem a propósito do que entre soldados se passou nas trincheiras durante o Natal. Já lá vai tanto tempo e devias ter ouvido falar nisto, mas que elas façam esta *Nota* maior do que de costume visto que elas devem aqui figurar. Lê:

«Muitos dos nossos rapazes saíram a encontrar-se com os alemães entre as duas linhas. Eu fui de tarde fotografar-me em grupo com ingleses e alemães. Trocámos *souvenirs*. Recebi uma fita e uma fotografia do príncipe da Bavaria. Os alemães opostos a nós eram muito decentes amigos, Saxes, homens inteligentes e de aparência respeitável. Eu tive uma bela conversação com três ou quatro, e tenho dois nomes e endereços no meu livro de notas. Por a mais estranha cena que poderia imaginar—fr desarmado ao encontro do inimigo; também desarmado. Depois da nossa conversação, os alemães foram muito de como as noticias dos nossos jornais devem ser horrivelmente exageradas.»

Carta enviada por seu filho a Mr. J. T. Griffiths, de Stamford Hill.

«Soldados alemães e ingleses saíram das suas trincheiras e breve formaram pequenos grupos por todo o lado, trocando bebidas e comida de toda a espécie. Foi um espectáculo dos mais extraordinários. Em muitos casos o importante não foi somente que os soldados não iam para as suas trincheiras mas em alguns foi que eles não obedeciam e houve grupos divertindo-se nas escavações hostis. Arranjaram-se jogos de football em algumas partes da linha em que eu estava.»

Informação de um oficial para o *Herald* de Glasgow.

«...o official alemão pediu uma trégua e pediu ao official inglês para que fosse ter uma palestra. Arriscaram-se, e eventualmente os soldados de ambos os lados saíram também e reuniram-se amigavelmente em divertimentos. Interrogados sobre o que eles pensavam da guerra, um dos alemães, falando excelente inglês, respondeu que estavam «—bem fartos.» Desejámos felicidades uns aos outros, voltando ás respectivas trincheiras, e imediatamente começamos (de maneira amigável) experimentando chamuscarnos uns aos outros. Parece engraçado, mas é absolutamente verdadeiro.»

Descrição de um sargento do Dragoon Guards, no *Weekly Mail*.

«No dia de Natal os alemães estavam ainda mais amigáveis, pois eles pediam ao longo de toda a linha para que saíssemos e lhe fossemos falar, o que eles fizeram, e durante a maior parte do dia não houve senão grupos de Sea-forths e alemães apertando as mãos e batendo nas costas uns aos outros, bebendo incidentalmente juntos, do que os alemães pareciam estar bem fornecidos e nós não tinhamos nada. Alguns dos nossos officiais saíram também; um tirou mesmo um instantâneo de um grupo dos nossos fraternizando com os alemães. Disseram-nos que não fariam fogo sobre nós,



## A' hora do descanso

—O' Mariquinhas, oiça cá; tenho ouvido por af pedir a liberdade dos presos por questões sociais... Isso que é?

—Os presos por questões sociais são os que foram condenados por actos violentos cometidos em greves e outras lutas dos operários contra os patrões e governos, para defesa dos seus direitos e melhoramento da sua sorte.

—Ahl agora já percebo porque os operários andam a pedir que os soltem; a gente deve sempre defender os seus.

—Pois decerto; ainda que eles sejam os maiores culpados. São dos nossos, estão a sofrer pela causa de nós todos. De mais a mais, nem culpados são.

—Ai a Mariquinhas sabe quem eles são e porque é que estão presos?

—Olhe: um deles chama-se João Gonçalves Tormenta...

—Tormenta? O nome é de mau agouro.

—Lá isso, bem atormentada lhe tem sido a vida, coitado. Está a dobrar o Cabo das Tormentas, na Penitenciária.

—Credol E de que é que o acusam?

—De ter matado o Administrador da Moita do Ribatejo, quando foi da greve geral de Janeiro de 1912, lembra-se?

—Ai então, se ele é isso, posso apostar que não o largam.

—Mas a questão é que ninguém sabe quem matou o administrador.

—Essa agora! Se ninguém sabe, por que cargas d'água o condenaram?

—Coisas da Justiça... injusta. A morte deu-se numa noite escura, de chuva, no meio duma chumma de trabalhadores do campo, que queriam ver na rua uns companheiros que tinham sido presos. Vão lá saber quem foi!

—E porque caiu a sorte no Tormenta?

—Vossemecê pergunta bem! Eu sei lá! A principio, prenderam centenas; depois ficaram vinte, que foram condenados a penitenciária por um júri todo composto de proprietários...

—Estás a ver! Se os réus fossem lá dos deuses e os queixosos fossem trabalhadores, também condenariam?

—Isso sim! E' o condenas.

—E os outros dezasseis, qu'ê deles?

—Um esticou e dezóito foram indultados no 5 de Outubro do ano passado.

—Indultados? E então o Tormenta? Cada vez percebo menos!

—Um esticou e dezóito foram indultados no 5 de Outubro do ano passado.

—Indultados? E então o Tormenta? Cada vez percebo menos!

—Um esticou e dezóito foram indultados no 5 de Outubro do ano passado.

—Indultados? E então o Tormenta? Cada vez percebo menos!

—Um esticou e dezóito foram indultados no 5 de Outubro do ano passado.

—Indultados? E então o Tormenta? Cada vez percebo menos!

—Um esticou e dezóito foram indultados no 5 de Outubro do ano passado.

—Indultados? E então o Tormenta? Cada vez percebo menos!

—Um esticou e dezóito foram indultados no 5 de Outubro do ano passado.

—Indultados? E então o Tormenta? Cada vez percebo menos!

—Um esticou e dezóito foram indultados no 5 de Outubro do ano passado.

—Indultados? E então o Tormenta? Cada vez percebo menos!

—Um esticou e dezóito foram indultados no 5 de Outubro do ano passado.

—Indultados? E então o Tormenta? Cada vez percebo menos!

—Um esticou e dezóito foram indultados no 5 de Outubro do ano passado.

—Indultados? E então o Tormenta? Cada vez percebo menos!

—Um esticou e dezóito foram indultados no 5 de Outubro do ano passado.

—Indultados? E então o Tormenta? Cada vez percebo menos!

—Um esticou e dezóito foram indultados no 5 de Outubro do ano passado.

—Indultados? E então o Tormenta? Cada vez percebo menos!

Se calhar, ficou por causa do nome.

—A mangar que o diga! Bem vê: era preciso ficar algum para contentar os da Moita. Decerto escolheram o mais mal notado lá entre os amos.

—E os outros presos, Mariquinhas?

—Outro é Silvério Marques, trabalhador rural de Santiago de Cacém.

—E esse, que fez?

—Esse deu cabo dum guita, que lhe assaltou a casa e maltratou a mulher.

—E porque fez o guita isso?

—Porque lhe deu p'ra ali. Era maré de grandes perseguições aos trabalhadores do campo; fechavam-lhes as associações; prendiam os associados, sem mais razões, ás fornadas. Ora, o Silvério era dos mais activos. Um dia, dois guitas, mais por fanfarronada do que por terem ordens p'ra aquilo, vão a casa dele, arrombam-lhe a porta, maltratam-lhe a mulher, que queria defender o companheiro...

—Pudera, coitada! Eu fazia o mesmo.

—... e, enquanto um mete a espingarda á cara naquela direcção, o outro põe-se a arrombar a porta dum quarto, onde o Silvério se metera e donde ele estava a presenciá-lo tudo. O sangue fervia-lhe nas veias...

—O caso não era p'ra menos. Pois se até eu o sinto ferver só de ouvir isso! Mariolas!

—E depois, estava a ver que o iam matar. Ora, morrer por morrer... Já se sabe: com a caçadeira que tinha, tombou um...

—Fez pela vida, coitado.

—Pois sim; mas fôsse lá dizer isso aos jurados, da mesma laia dos outros da Moita. Não admitiram a tal elegtíma defesa e feraram com ele na Penitenciária.

—E ainda há mais presos desses?

—Pois há. Há um Manuel Narciso, ferroviário, acusado de actos de sabotagem que não fizeram mal a ninguém e poucos estragos causaram: lá está na Penitenciária, ao passo que a Companhia até já perdoou aos seus empregados, tornando a aceitar os que por ocasião da mesma greve ela tinha despedido. Há Carlos Augusto da Silva, *chauffeur*, em cujo automóvel a policia prendeu uns revoltosos, depois absolvidos, e que foi acusado, só por um polícia, de ter atirado bombas... apesar de ferido e preso. Mas... lá deu a hora da entrada para a nossa penitenciária.

—O que eu digo, Mariquinhas, é que os trabalhadores não devem esquecer-se desses desgraçados. E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

—E' berrar até que os soltem!

Países	1881	1891	1901	1911	Excesso de 1901 sobre 1881	Orçamento total para trinta anos
Austria Hungria	4 355.000\$	5.672.000\$	8 698.000\$	13 731.000\$	9.376.000\$	234.139.000\$
França	42.557.000\$	43.751.000\$	65.857.000\$	83 285.000\$	40 729.000\$	1.725 325.000\$
Alemanha	11.434.000\$	23.470.000\$	38 195.000\$	114.508.000\$	103.074.000\$	1.246 369.000\$
Inglaterra	51.130.000\$	68 935.000\$	137.615.000\$	203.020.000\$	151.890.000\$	3.336.250.000\$
Itália	8.870.000\$	24.293.000\$	24.477.000\$	39 643.000\$	30.773.000\$	730.285.000\$
Rússia	13.098.000\$	21.880.000\$	46.799.000\$	54.128.000\$	41.030.000\$	1.022 920.000\$
Estados Unidos	13 537.000\$	26.006.000\$	55 953.000\$	120 729.000\$	107.192.000\$	1.450.920.000\$
<b>Totais</b>	<b>144.981.000\$</b>	<b>210.010.000\$</b>	<b>377.594.000\$</b>	<b>629.045.000\$</b>	<b>484.064.000\$</b>	<b>9.746.170.000\$</b>
—excluindo os Estados Unidos e a Inglaterra	80.314.000\$	119.069.000\$	184.026.000\$	305.295.000\$	224.982.000\$	4.959.000.000\$

mulheres como condutoras nos carros electricos. Os comicios succedem se todos os domingos á tarde em Bath St. e Renfield St. com esplendidas multidões. Entre os oradores contam-se os camaradas M.<sup>o</sup> Lean e Douglas e as subscrições, tão pobres noutras ocasiões, dão duas libras pelo menos. Que pensas, tu, disto, «em tempo de guerra?» Faz o favor manda-me alguns jornais socialistas. Espero que tenhas recebido o *Herald* e outros periodicos que estão lutando pela boa causa. Temos tambem tido por aqui o G. Aldred, de Londres, fazendo conferencias quinzenais de propaganda, com bem numerosa concorrencia.

Desculpa-me as resumidas noticias. Em conclusão, espero que os trabalhadores em Lisboa estejam avançando em pensamento. 19-7-1915  
Fraternalmente teu, W. C. Inglis.

Sabes como correspondentes e redactores assalariados exercem a sua função, mentindo e envenenando a consciencia popular que lhe mantém a igrejinha e lhe compra a prosa. O que eles teem dito das greves nos paises aliados e como eles rejubilam contentes quando succede outro tanto nos paises que eles chamam inimigos!

Só nos primeiros cinco mezes de guerra, até Dezembro, houve na Alemanha 25 greves afectando a produção de munições e na famosa fabrica Krupp ainda não está solucionada de todo a de 42.000 operários que ha pouco ali se declarou.

Estás a ver o que do outro lado devem os jornalistas alemães ter dito, que essas greves devem ter sido produzidas pelo dinheiro dos aliados, que convenceu e comprou os operarios em evidencia, como os jornalistas de cá nos vão dizendo que as greves nos paises aliados, que defendem a civilização e a liberdade (!), «são feitas por uma minoria de agitadores sindicallistas, nitidamente anti-patriotas, e cujos esforços foram sempre poderosamente secundados por misteriosos propagandistas, cuja nacionalidade não será difficil adivinhar.»

Sempre, como vês, a mesma peçonhenta baba a ser lançada sobre os trabalhadores que tem os seus interesses por bem diferentes dos das classes improduttivas que vivem do trabalho alheio. E olha que os de cá não são nada melhores; o que dos trabalhadores e das greves disseram após a proclamação da República, e ainda hoje, bem o demonstra e nós não o esquecemos.

Pensa sobre isto e reflecte. Eu vou tambem pensar nas tristezas que hei-de comunicar ao esperançado camarada que de Lisboa e de Portugal espera boas novas.

Lisboa, 27-7-1915.  
Teu  
H. QUESARIO

(\*) Em todas as reuniões públicas ou particulares, os camaradas ingleses criam o habito da contribuição voluntária para despesas de propaganda. E' a isso que o camarada se refere na sua carta.

Tivemos a dita de assistir a muitas reuniões de grupos e antes de terminarem os trabalhos para que se reuniam, a contribuição voluntária era sempre recebida pelo respectivo secretário que immediatamente manifestava a quantia recebida e a escriturava.

Creio haver camaradas entre nós que, conhecendo a forma como se faz propaganda em alguns paises, nos podiam dizer coisas muito aproveitaveis.

H. C.

**Cumprimentos**

Recebemos a visita dos camaradas Joaquim Augusto Nogueira e Eduardo Moreira Fernandes que vieram reorganizar a associação dos Gazomistas desta cidade; agradecemos os seus cumprimentos e fazemos votos pelo bom exito da sua empreza.

## DOCUMENTOS Pela Paz

Manifesto publicado no Rio de Janeiro.

### A indústria militar

A indústria militar é, ao mesmo tempo, uma resultante e uma causante do militarismo.

Resultante porque o militarismo cria as indústrias dos armamentos, das munições, dos explosivos, e desenvolve as indústrias afins, das minas, de automoveis, de calçado, de roupa, etc., etc. Causante porque estas indústrias não estacionam; progredim, e progredim extraordinariamente. Ora, uma indústria militar, uma fabrica de armamentos, por exemplo, necessita, para progredir, de encomendas frequentes e crescentes. Ao mesmo tempo, pois, que é um resultado do militarismo, a indústria militar é também uma das suas causas.

Para que se faça a idéa aproximada do que é esta indústria, vejamos as seguintes estatísticas, de fonte autorizada, e que mostram quais os orçamentos, para 1914, destinados aos exercitos de terra, soldados, armamentos, munições, das cinco grandes potencias agora em guerra (os algarismos vão na nossa moeda e em cifras redondas):

Rússia	954.030 contos de réis
Alemanha	846.000 » » » »
França	684.000 » » » »
Inglaterra	5.4.500 » » » »
Austria-Hungria	414.000 » » » »

Isto quanto ás forças de terra. Acrescentem-se estes outros algarismos das verbas votadas tambem para 1914 e destinadas a navios de guerra:

Inglaterra	295.000 contos de réis
Rússia	165.000 » » » »
França	181.000 » » » »
Alemanha	160.000 » » » »
Austria-Hungria	50.000 » » » »

Se se somar tudo, e note-se que aí não estão incluídas todas as despesas, ter-se-á um total geral de 4 milhões e 173 mil contos de réis!

Bem eloquentes e inofismaveis são estes números. E eles provam, primeiro que tudo, que não é este ou aquele governo o responsavel pela pavorosa carnificina europeia: são todos responsaveis, pois que todos a prepararam e decidiram. Os explosivos acumularam-se porque todos para isso concorreram. E porque os explosivos se acumularam, a explosão deu-se!

**Consequências e efeitos immediatos**

Que é a guerra em si? E' a destruição de pessoas e de cousas. E sabe-se o que tem sido a guerra actual. As colossais batalhas dão-se em linhas de centenas de quilómetros de extensão, e duram semanas inteiras. Entram em combate não mais apenas milhares, mas milhões de homens. Os mortos e os feridos contam-se por centenas de milhares.

Ora, os homens que vão para a guerra, os soldados, saem precisamente da parte mais sã, mais robusta, mais forte da população. No fim da guerra, a maioria destes homens estará enterrada nos campos de luta e a fracção restante, com raras excepções, volta estropiada, sem um braço, sem uma perna, e com o espirito indelevelmente marcado com a profundissima impressão da estupenda matança. Considerem-se ainda as moléstias adquiridas nas trincheiras, a tuberculose principalmente. Pode affirmar-se, assim, que os homens que voltam vivos estão para sempre inutilizados, desta ou daquela forma. E' toda uma geração inteiramente perdida.

E a destruição de riquezas acumuladas durante anos e anos de trabalho. As cidades ficam em ruínas, os campos e as aldeias são assolados pelo vendaval furioso.

Além dessa destruição directa, ha a destruição indirecta das riquezas, com as fabulosas despesas de armamentos, de munições, de viveres, de transportes, etc. Segundo calculos abalizados, gastam-se na guerra actual para mais de 100 mil contos por dia!

Um dos mais desastrosos efeitos immediatos da conflagração foi a desorganização do commercio e da industria. E com a desorganização da indústria e do commercio veio a paralização do trabalho e seguiu-se a insuportavel carestia de todos os generos de consumo.

Ha ainda que contar com os efeitos de ordem moral. A exaltação patriótica chega, em cada pais, ao paroxismo, ao fanatismo cego e brutal. E' o odio de pátrias e de raças, num máximo de potencialidade, empolgando e dominando cada povo, como uma rajada de loucura.

(Conclui no proximo numero)

**Coisas historicas**

**26-1903**—Declara-se a greve geral na Baía Branca. Os marinheiros da perfeitura maritima fusilam os grevistas indefesos.

**27-1823**—A Cronica Constitucional censura asperamente os actos praticados pelos liberais contra os miguelistas vencidos.

**28-1901**—E' morto em Varsóvia, por meio duma bomba atirada para debaixo da carroagem que o conduzia, o ministro do interior da Rússia, M. Plewhe.

**29-1830**—Depois de tres dias de combate, é abolida, em Paris, a rialza de direito divino.

**30-1900**—Por causa do atentado de Caetano Bresci, a policia italiana persegue como feras todos os anarquistas, sendo presos centenas de deles.

**31-1904**—Como pseudo-cumplies no atentado de Plewh, são presos em Petrogrado, mais de mil individuos...

**Vida Anarquista**

**Propaganda Libertaria**—Hoje, pelas 20 horas, reune este grupo no local do costume. Espera-se que ninguém falte.

**Rebellião anarquista**—(Evora) No ultimo domingo reuniu este grupo e resolveu: iniciar nma activa propaganda contra guerra; dar a sua adesão moral e material á Juventude libertaria de Lisboa; e reunir hoje no lugar do costume. Correspondencia a Alvaro J. Diniz, Travessa Lopo Serrão, 18.

**Nucleo Juventude Libertaria**—(Lisboa) A sua sede é actualmente na rua da Imprensa Nacional, 42-1.

No proximo dia 15 de agosto deve sair a *Voz da Razão*.

**Dinamic cerebral**—(Lisboa) Este grupo convida todos os grupos anarquistas de Lisboa e arredores a enviarem um delegado a uma reunião que se efectuará, no dia 4, pelas 20 horas na escola *A Florescente*.

**U. A. C. de Gala**—Convidam-se os delegados dos grupos a reunir, hoje, pelas 10 horas da manhã para se tratar de assuntos de propaganda. Pedem-se para não faltarem.

durante três dias, se nós não o fizéssemos sobre eles. Hoje é o terceiro dia e eles cumpriram a sua palavra: nem um tiro partiu na nossa direcção. Parecem amigos decentes em frente de nós.

Pertencem ao regimento 10 da Bavaria. Disseram-nos que estavam cançados de guerra e que em nada ela os beneficiaria, porque eram socialistas. Os grandes canhões de ambos os lados tem continuado agora como de costume, mas eles tambem estiveram bem calados no dia de Natal.

Carta de George Wylie, do regimento Seaforth Highlanders, descrevendo a seu pai as tréguas na Flandres.

«Estivemos palestrando todo o dia. Conversei com um alemão que esteve quatro anos em Londres e que sabia falar bem inglês. Perguntei-lhe quando calculava que a guerra acabasse; disse-me que depois de seis mezes. Notei que eles estavam sofrendo o pior possível e disse-me que se eles fossem derrotados era porque lutavam contra quatro paises. Disseram-me que já estavam fartos disto. No dia seguinte saíram e permaneceram fora das trincheiras. Podiamos passar todos e ir onde quizessemos. Iamos fazer um ataque, preparando a nossa artilharia para os bombardear, mas nem um simples tiro de espingarda foi disparado e eles tambem não atacaram. Na proxima manhã, sendo o terceiro dia de paz, vieram a meio caminho inquirir o que tinha havido com a nossa artilharia a noite passada que lhe matara um numero de camaradas. Chegaram á conclusão de que tinham sido os franceses. Todo o dia não dispararam um tiro. A' tarde nós fomos rendidos. Os alemães soube-

ram que estavamos sendo rendidos e pediram-nos para dizermos que não fizéssemos fogo, se recebéssem ordem para isso fizéssemos pontarias altas que eles fariam o mesmo. Não sei como eles estão depois disso, mas estamos de retirada amanhã. Creio que os alemães estão cançados da guerra e que nunca fariam fogo se nós não disparássemos primeiro.»

Carta de um musico do Scots Guards e enviado pelo correspondente em Londres ao *Glasgow Evening Times*.

Ha mais e melhor, sobre o mesmo assunto, que te oferecerei para leres na proxima semana, visto que esta como as outras, vai já demasiadamente longa e ainda tenho um pouco mais que transcrever sobre assunto inadiavel. Primeiro, deve ter lugar a continuação das tabelas da «World Peace Foundation», que, com os seus numeros, tão altofalam e tanto esclarecem os espiritos em duvida.

Como que a proposito, respondendo ás costumadas e torpes insinuações da imprensa burguesa e a umas correspondencias de Paris e de Londres para o *Seculo* de 26 e 27, recebi a carta que segue, enviada por um amigo que conheci e que vive na Inglaterra:

«Caro camarada:

«...A guerra está causando imensos prejuizos em todas as nações. Os trabalhadores aqui já estão fartissimos disto. Os politicos teem feito o pior para irritar os trabalhadores do Clyde. Os trabalhadores já não dão nada por eles. Os capitalistas na Camara Municipal de Glasgow estão despedindo todos os homens novos (não os escriturários, etc., mas os trabalhadores) para os forçar a alistarem-se no exercito, e tem empregado